

EDITORA



**UnB**

# **EDUCADORAS E EDUCADORES BRASILEIROS**

## Do centenário de Paulo Freire e Darcy Ribeiro aos 60 anos da UnB

Catarina de Almeida Santos  
Andréia Mello Lacé  
Ana Maria de Albuquerque Moreira  
Danielle Xabregas Pamplona Nogueira  
  
(organizadoras)



 EXTENSÃO  
**INSURGENTE**





**Universidade de Brasília**

**Reitora** : Márcia Abrahão Moura  
**Vice-Reitor** : Enrique Huelva

EDITORA



**UnB**

**Diretora** : Germana Henriques Pereira

**Conselho editorial** : Germana Henriques Pereira (Presidente)  
: Ana Flávia Magalhães Pinto  
: Andrey Rosenthal Schlee  
: César Lignelli  
: Fernando César Lima Leite  
: Gabriela Neves Delgado  
: Guilherme Sales Soares de Azevedo Melo  
: Liliane de Almeida Maia  
: Mônica Celeida Rabelo Nogueira  
: Roberto Brandão Cavalcanti  
: Sely Maria de Souza Costa

EDITORA



**UnB**

# **EDUCADORAS E EDUCADORES BRASILEIROS**

**Do centenário de Paulo Freire e  
Darcy Ribeiro aos 60 anos da UnB**

Catarina de Almeida Santos

Andréia Mello Lacé

Ana Maria de Albuquerque Moreira

Danielle Xabregas Pamplona Nogueira

(organizadoras)



**Equipe do projeto de extensão – Oficina de edição de obras digitais**

**Coordenação geral** : Thiago Affonso Silva de Almeida  
**Consultor de produção editorial** : Percio Savio Romualdo Da Silva  
**Coordenação de revisão** : Denise Pimenta de Oliveira  
**Coordenação de design** : Cláudia Barbosa Dias  
**Revisão** : Maria Thalita dos Santos Pessôa  
**Diagramação** : Larissa Gomes dos Santos Viana  
**Fotos de capa** : Paulo Freire Contemporâneo, frame de vídeo - Ministério da Educação, via Domínio Público  
Darcy Ribeiro - Cedoc - Arquivo Central UnB  
Universidade de Brasília - Beto Monteiro

© 2023 Editora Universidade de Brasília

Direitos exclusivos para esta edição:  
Editora Universidade de Brasília  
Centro de Vivência, Bloco A – 2ª etapa, 1º andar  
Campus Darcy Ribeiro, Asa Norte, Brasília/DF  
CEP: 70910-900  
Site: [www.editora.unb.br](http://www.editora.unb.br)  
E-mail: [contatoeditora@unb.br](mailto:contatoeditora@unb.br)

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por qualquer meio sem a autorização por escrito da Editora.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Biblioteca Central da Universidade de Brasília – BCE/UnB)

---

E24 Educadoras e educadores brasileiros [recurso eletrônico] : do centenário de Paulo Freire e Darcy Ribeiro aos 60 anos da UnB / (organizadoras) Catarina de Almeida Santos ... [et al.]. – Brasília : Editora Universidade de Brasília, 2024.  
170 p.

Formato PDF.  
ISBN 978-65-5846-270-5.

1. Universidade de Brasília - História. 2. Educadoras - Brasil. 3. Educadores - Brasil. I. Santos, Catarina de Almeida (org.).

CDU 37 (81)





# Sumário

---

## **Prefácio 7**

Olgamir Amancia Ferreira

## **Os 60 anos da Universidade necessária e as educadoras e os educadores brasileiros 11**

Catarina de Almeida Santos  
Andréia Mello Lacé  
Ana Maria de Albuquerque Moreira  
Danielle Xabregas Pamplona Nogueira

## **Paulo Freire: educando para a libertação 21**

Cristiano Garboggini Di Giorgi  
Andréia Nunes Militão

## **Do direito à educação à Universidade de Brasília no pensamento anisiano 37**

Maria Zélia Borba Rocha

## **Florestan Fernandes e a educação: da Campanha de Defesa da Escola Pública à construção de uma pedagogia socialista 57**

Diogo Valença de Azevedo Costa

## **Nísia Floresta: autobiografia, pesquisas e perspectivas 75**

Alyanne de Freitas Chacon

## **Formação social, estado e educação brasileira: o projeto quilombista como alternativa civilizatória e pedagógica em Abdias do Nascimento 93**

André Luis Pereira  
Camilla Meneguel Arenhart



**Nise da Silveira: uma educadora rebelde** 111

Felipe Magaldi

**Anália Franco: a educadora que o Brasil precisa conhecer** 129

Samantha Lodi-Corrêa

**Os 60 anos da UnB no centenário de Darcy Ribeiro  
e a necessária luta por um novo amanhecer** 149

Catarina de Almeida Santos

Andréia Mello Lacé

Ana Maria de Albuquerque Moreira

Danielle Xabregas Pamplona Nogueira

**Um posfácio, um convite ao inacabamento** 157

Andressa Pellanda

**Nise da Silveira e a humanização da doença mental** 161

Franklin Chang





# Nise da Silveira: uma educadora rebelde

Felipe Magaldi



## Introdução

*“Prefiro ser uma loba faminta a ser um cão gordo e encoleirado. A palavra que mais gosto é liberdade. Gosto do som dessa palavra” (Nise da Silveira)*

No dia 25 de maio de 2022, o nome da psiquiatra alagoana Nise da Silveira (1905-1999) entrou na pauta dos noticiários de todo o país, embora não necessariamente por um bom motivo. Na ocasião, o então presidente Jair Bolsonaro vetou o Projeto de Lei 6.566/2019, que almejava inscrever a médica no Livro de Heróis e Heroínas da Pátria. De autoria da deputada federal Jandira Feghali (PCdoB-RJ), o PL já havia sido pré-aprovado pelo Plenário do Senado. No entanto, o presidente afirmou que não era possível avaliar “a envergadura dos feitos da médica Nise Magalhães da Silveira e o impacto destes no desenvolvimento da nação, a despeito de sua contribuição para a área da terapia ocupacional” (Agência Senado, 2022). Em sua justificativa, também acrescentou que, na lista, deve-se priorizar o reconhecimento de personalidades da história do país em âmbito nacional, “desde que a homenagem não seja inspirada por ideais dissonantes das projeções do Estado Democrático” (Agência Senado, 2022).

O veto chama a atenção por revelar o desprezo do presidente pelos ensinamentos da médica. Provavelmente, foi também motivado pela inscrição diferencial de ambos no espectro político, já que Nise da Silveira participara de organizações de esquerda e fora presa durante o Estado Novo, acusada de comunista. Mas, acima de tudo, o acontecimento nos convida a pensar sobre como Nise e Bolsonaro encenam formas radicalmente distintas de conceber o sofrimento humano. Trata-se aqui da disputa entre o apologista da tortura e alguém que, reconhecendo-a, enveredou para o caminho da cura. Para compreender a natureza dessa tensão, é importante conhecer profundamente a trajetória e a memória da médica no presente século – e não simplesmente decliná-la, como feito pelo referido governante.

Neste artigo, busco mostrar como, ao longo do século XX, as veredas abertas por Nise da Silveira se destacaram por articular diferentes saberes e práticas: notadamente a psicologia junguiana, mas também a terapêutica ocupacional, a filosofia, as artes plásticas, a antropologia, a literatura, o teatro, o cinema, entre outros. Em particular, chamo a atenção para sua relação com um campo menos abordado: o da educação. Se Nise é comumente lembrada por encarnar *uma psiquiatria rebelde* (Mello, 2014), ou como alguém que se articulou ao campo artístico, sendo por ele reconhecido (Villas-Bôas, 2008), deve-se sublinhar também seu envolvimento com diferentes práticas educativas, tanto durante sua formação quanto no desenvolvimento de seu trabalho.

Na primeira parte do texto, exponho os percalços da graduação de Nise na Faculdade de Medicina da Bahia, nos anos 1920, bem como seu trabalho no serviço público no Hospital Nacional de Alienados, no Rio de Janeiro, já na década de 1930. Na segunda parte, trato da interrupção de sua trajetória durante sua prisão política às vésperas do Estado Novo, bem como seu retorno ao serviço público, que ocorreu somente em 1944. Na terceira parte, abordo as instituições e grupos de estudos fundados por Nise, inspirados sobretudo na psicologia analítica de Carl Jung. Para dar conta desses temas, utilizo as memórias de Nise da Silveira e de seus colaboradores, registradas em livros, entrevistas e depoimentos. O material, originalmente colhido em minha tese de antropologia social (Magaldi, 2018), também deu origem a um livro (Magaldi, 2020).

Ao seguir a história de vida de Nise, não pretendo criar uma ilusão biográfica (Bourdieu, 1996), como se vida estivesse traçada rumo a um destino linear e coerente. Antes, pretendo apontar para uma trama de pessoas e instituições que se constituíram e foram mutuamente constituídas por, com e através da psiquiatra. Pode-se pensar, assim, em uma etnobiografia, como um modelo de investigação que suspende a oposição rígida entre os termos binômio indivíduo/sociedade (Gonçalves, 2012; Kofes; Manica, 2015). Nem produto de seu gênio, nem efeito de seu contexto; nem caso isolado, nem exemplo representativo; o que se deixa entrever é um nome que se abre para um conjunto de outros nomes que se transformam e se co-constituem entre si, escapando, portanto, à própria estabilidade pressuposta por sua nomenclatura. Trata-se aqui de agenciamentos que põem em jogo afetos, acontecimentos, territórios, populações, multiplicidades e devires (Deleuze; Parnet, 1996).

Ao apontar os desafios atuais de seu legado, concluo que o trabalho de Nise se caracterizava por um modo de transmissão do conhecimento não-doutrinário, essencialmente experimental e dinâmico. Como bem sintetizou o artista plástico Lula Wanderley, colaborador da médica: “como Nise da Silveira não admitia criar ou pertencer a uma escola ou movimento (para preservar a liberdade), nenhum estagiário ou colaborador [...] conseguia reproduzi-la, mas também não retornavam à mediocridade. Eram impelidos a criar” (Wanderley, 2001, p. 132).



## Percalços de uma formação

Nise da Silveira nasceu em Maceió, no ano de 1905. Sua formação intelectual começou no próprio seio erudito de sua família na Alagoas, no início do século XX. Em entrevista concedida a Luiz Gonzaga Pereira Leal, ela descreve sua casa como um ambiente frequentado por artistas e intelectuais, definindo sua infância como felicíssima. “Filha única. Mimadíssima. Minha mãe, musicista, tangenciando a genialidade. Meu pai, um homem que lia muito, matemática e literatura. Ele tinha uma boa biblioteca. E sendo assim, li Machado de Assis muito cedo” (Silveira, 1994 [1992], p. 4). Nise estudou no Colégio Santíssimo Sacramento, cujo corpo docente era composto por freiras de origem francesa, tendo contato com o estudo dessa língua estrangeira desde muito cedo. De acordo com depoimento conferido a Ferreira Gullar (1996), o desejo de seu pai, professor e jornalista, era que se tornasse pianista, como a mãe, Maria Lídia. Entretanto, Nise se descreve como desafinadíssima. Seu ouvido não percebia as dissonâncias, o que a deixava desesperada.

O caminho da medicina foi o que acabou por atrair a jovem alagoana, embora ela tampouco enxergasse qualquer aptidão particular para segui-lo: “na verdade, eu não tinha nenhuma vocação para a Medicina. Quando vejo sangue, fico tonta. Não podia nunca ser médica” (Silveira, 1996, p. 34). Foi a influência de um grupo de rapazes que participava dos grupos de estudos preparatórios mantidos por seu pai – entre os quais se destacavam o futuro médico e antropólogo Arthur Ramos e seu primo e companheiro de vida inteira, Mário Magalhães da Silveira – sendo decisivo para que ela prestasse o exame para a prestigiosa Faculdade de Medicina da Bahia.

Após frequentar um curso preparatório no Liceu Alagoano, Nise ingressou no curso, sendo a única aluna mulher em uma turma de 157 rapazes. Na época, ela possuía apenas quinze anos, contrariando a idade mínima exigida, que era 17. Foi necessário burlar seus documentos para realizar sua matrícula: “em Maceió, tudo se arruma. E assim, deram lá um jeito [...] depois, tive um trabalho danado para corrigir isso e voltar à idade certa” (Silveira, 1996, p. 35).

Em Salvador, passou a viver primeiramente em um pensionato universitário e, logo depois, em uma casa com seu companheiro. Como Nise, Mário seguiria na carreira de medicina, especializando-se na área de saúde pública. O casamento só seria oficializado muitos anos depois, em 1940. Do ponto de vista material, sua carreira universitária pôde ser cursada de maneira confortável: “eu me formei em 1926 [...] até aí, eu era uma garota muito folgada. Tinha conta livre em livrarias, em casas de modas [...] bobagens de filha única” (Silveira, 1996, p. 35-36). Gullar pergunta a Nise se Faustino da Silveira era rico. Ela responde, rindo: “não, ele era despreocupado. Nunca pensou em comprar uma casa para a família. E quando minha mãe falava nisso, ele dizia: ‘não, quando a Nise se formar, a gente vai morar em Paris’.”

Entretanto, algumas adversidades atravessaram seu caminho. Em artigo publicado na *Revista Brasileira de Saúde Mental* (1988), Nise descreve a estrutura hierárquica daquela universidade: “os professores eram muito distantes dos alunos. Não havia entre eles e nós um verdadeiro relacionamento. Os professores eram catedráticos, sentados em cadeira de bispo, de espaldar alto; os alunos ficavam lá embaixo, no anfiteatro, ouvindo” (Silveira, 1988, p. 30).

A verticalidade do ensino se articulava também a alguns problemáticos pressupostos filosóficos. Em seu livro *Cartas a Spinoza* (1995), Nise da Silveira deixa entrever que, desde cedo, teve uma formação baseada na psicofisiologia de Descartes: “mais tarde, na Faculdade de Medicina, passei por uma formação cartesiana. Cabia-me, e aos meus colegas, o estudo das peças componentes das engrenagens da máquina que seria o corpo humano” (Silveira, 1995, p. 51). Segundo a psiquiatra, a única novidade no ensino médico de formação cartesiana em relação à história da medicina residia no abandono do dualismo ontológico em favor de um monismo fisicalista – ou, em suas próprias palavras, no abandono da concepção de uma “razão independente do corpo” em favor do postulado segundo o qual “a razão, o psiquismo em toda a sua complexidade, eram epifenômenos de funcionamentos cerebrais” (Silveira, 1995, p. 52). Tratava-se, assim, de reduzir a mente à matéria, entendendo o cérebro como um equipamento a ser corrigido.

O desconforto com esse tipo de instrução fica evidente em sua crítica aos experimentos comprometidos com a mesma. Nise refere-se particularmente à vivissecção, que na acepção cartesiana, era entendida como o estudo do corpo do animal, considerado como uma máquina mais simples, no flagrante vivo de seu funcionamento:

lembro-me, como se fosse hoje, de uma aula prática de fisiologia que tinha por tema o mecanismo da circulação. Uma rã foi distendida e pregada pelos quatro membros (crucificada) sobre uma placa de cortiça, e o peito aberto cruamente para que víssemos seu pequeno coração palpitando. Os olhos da rã estavam esbugalhados ao máximo e pareciam perguntar-nos: por que tanta ruindade? Para nada. Ninguém aprendeu coisa alguma naquela estúpida aula [...] tudo isso parecia-me muito insatisfatório (Silveira, 1995, p. 52).

Desde então, tornou-se evidente a relação entre a perspectiva cartesiana e a violência como constitutiva da prática pedagógica daquele tempo. Apesar disso, durante sua formação, a jovem contou com a cooperação de alguns sujeitos especiais, como o professor de clínica médica Prado Valadares, uma das figuras históricas da medicina baiana. Ela estagiou na enfermaria da qual o professor era coordenador durante a maior parte de sua graduação. Nise conseguiu formar-se em 1926, defendendo a monografia *Ensaio sobre a criminalidade da mulher do Brasil* (Silveira, 1926), na qual já manifestava um incipiente interesse psicológico e mesmo sociológico acerca do comportamento humano, em reação à perspectiva exclusivamente biomédica.



Em entrevista jornalística concedida a Álvaro Mendes no jornal *O Globo* (1975), ela conta sobre como despertou interesse nessa temática. Durante as férias de junho do 5º ano de seus estudos, Nise regressara a Maceió para passar um tempo com sua família. Nessa ocasião, se deparou com uma revista de criminologia, parte nova da vasta coleção bibliográfica de seu pai. Seus artigos, dentre variados assuntos, contavam com trabalhos de Gina Lombroso, que entusiasmaram a estudante. Assim, através da criminologia, ela teve o primeiro contato com a psiquiatria, já que esses saberes eram fronteiriços no período em questão. A psiquiatria, propriamente dita, só fazia parte do programa do curso de medicina durante o 6º ano. Nessa fase, Nise também teve seu primeiro contato com Freud, em particular com a obra *Psicopatologia da vida cotidiana* (1987 [1901]).

No ensaio com o qual conclui sua graduação, ela questiona o argumento comum à época de que o aumento da criminalidade da mulher se devia à sua crescente inserção no mundo do trabalho, devendo, portanto, ser limitado como ação médica preventiva. Em sua aceção, não era o comércio ou a indústria, mas sim o abuso de álcool e de prazeres, como o jogo, que eram hábitos culminantes na curva ascendente do fenômeno investigado. Este motivo explicava a predominância desse comportamento entre os homens. Além disso, a jovem médica recusava a hipótese de que anomalias cefálicas seriam suficientes para determinar a criminalidade, servindo “apenas como estigmas de degeneração” (Silveira, 1926, p. 44 *apud* Rinaldi, 2015). O texto, embora comprometido com alguns pressupostos comuns de seu tempo, permite vislumbrar um interesse a propósito das questões sociais relacionadas às mulheres, que vai contra a configuração do campo médico da época.

A sequência de sua formação, em meados da década de 1920, foi marcada por um trágico acontecimento. Ao regressar a Maceió, em janeiro de 1927, seu pai adoeceu, vindo a falecer um mês depois. O falecimento, além de enorme perda afetiva, alterou profundamente a condição econômica da família. Em depoimento a Gullar (1996), ela confirma, rindo, a constatação do entrevistador: “acabaram-se as mordomias” (Silveira, 1996, p. 26). Sua mãe foi morar com seu avô. Os bens da casa, que incluíam as joias e os dois pianos de cauda de Maria Lídia, foram todos vendidos. Foi então que, junto a seu companheiro, Nise decidiu tomar um navio para o Rio de Janeiro, levando consigo o pouco dinheiro deixado por Faustino: “e eu então, que fui sempre uma natureza impetuosa, disse: eu não fico aqui” (Silveira, 1996, p. 26).

Na então capital da República dos Estados Unidos do Brasil, Nise da Silveira se instalou primeiramente em uma pensão no Catete e, logo em seguida, no bairro mais barato de Santa Teresa, precisamente no Largo do Curvelo. Foi nessa zona da cidade, habitada por artistas, literatos e militantes políticos, que ela viria a constituir suas redes intelectuais. Seus vizinhos eram ninguém menos que o escritor Manuel Bandeira e o também escritor e diplomata Ribeiro Couto, com os quais viria a formar, nos termos de Élvia Bezerra, a trinca do Curvelo (Bezerra, 1995). De fundamental importância para a jovem imigrante nordestina seria também o contato com Otávio Brandão e sua esposa, a poetisa Laura, entusiastas do recém-criado Partido Comunista. Com eles, Nise criaria um rico ambiente de debates, com especial interesse na tradição marxista, mas também em diversos outros pensadores: “eu e

ele (Otávio) discutíamos sobre o Cristo, Nietzsche, sobre Tolstoi [...]” (Silveira, 1996, p. 37). Entrementes, Getúlio Vargas instituiu um golpe de Estado no ano de 1930, cujo programa incluía a perseguição aos comunistas (Pandolfi, 1999). O casal Brandão foi preso e logo teve de deixar o país, exilando-se na Alemanha e, em seguida, na União Soviética.

De todo modo, Nise passou a ler Marx e ir a algumas reuniões do Partido Comunista. Apesar das relações estabelecidas com o marxismo na década de 1930, o envolvimento de Nise da Silveira com o Partidão nunca foi direto e, por esse motivo, ao contrário de seus companheiros, ela pôde permanecer algum tempo longe das perseguições, dedicando-se à busca de um emprego. Logo ao aportar em terras cariocas, ela passara a frequentar voluntariamente a clínica de Antônio Austregésilo, professor emérito da Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil. Seu contato com esse médico, figura-chave na consolidação de um campo de estudos neurológicos no Brasil, consiste em um capítulo fundamental de sua formação intelectual. Junto a outros jovens estudantes, aspirantes à carreira de neurologia, ela pôde adquirir prática e se engajar em pesquisas empíricas dessa área.

Para Nise, esse período consistiu em um momento de transição entre a neurologia e a psiquiatria, conforme também sublinhado por Walter Melo (2009). No ano de 1932, enquanto trabalhava com Austregésilo, Nise tornou-se médica residente do Hospital Nacional de Alienados, situado na Praia Vermelha, na zona sul carioca, onde passou a atuar como auxiliar no Pavilhão da Clínica Neurológica. A categoria “residente”, no caso, foi literal: graças à intervenção de seu mestre, com quem mantinha uma boa relação, ela foi morar no hospício, em um quarto individual, de frente para o mar, fora das enfermarias, da seção Morel. Na época, tratava-se de uma espécie de linha de fuga para estudantes e médicos com dificuldades financeiras: “fiz a academia de Santa Teresa, no Curvelo, fiz a academia de neurologia e essa aí, do hospício [...] assim, me instalei naquele palácio” (Silveira, 1996, p. 39).

Logo em seguida, Nise ficou sabendo de um concurso público para o cargo de médico psiquiatra, que seria realizado dali a um mês. Austregésilo, longe de desestimulá-la, foi quem a inscreveu no concurso: “você está inscrita e agora tem que fazer o concurso. Me disse ele. O velho era assim” (Silveira, 1996, p. 38). Assim, em 1933, a alagoana foi aprovada no concurso público para o cargo de médica psiquiatra no serviço de Assistência a Psicopatas e Profilaxia Mental do Hospital Nacional de Alienados. O período no qual Nise permaneceria trabalhando no Hospital seria curto, e, no entanto, crucial, já que incluiria seu primeiro contato direto com a instituição psiquiátrica.

Assim como em sua formação, novas críticas viriam ao ensino da psiquiatria:

na época, eu me atirei ferozmente a estudar para o concurso, e vi coisas inteiramente diferentes. Via que o louco extrapolava muito o livro. Por exemplo, você pega um tratado de psiquiatria da época e lê: os estados terminais da esquizofrenia, nos quais o doente cai em estado de decadência, de verdadeira ruína da vida psíquica, com uma diminuição, um apagamento progressivo das atividades. E eu no hospício não via nada disso (Silveira, 2009 [1976-1977], p. 46-47).



## Da prisão ao Museu de Imagens do Inconsciente

Como já visto, ao chegar ao Rio de Janeiro, Nise flertara com o Partido Comunista do Brasil (PCB), participando de reuniões e se engajando em leituras. Apesar de não ser uma liderança do partido, o simples fato de possuir livros marxistas em seu gabinete de trabalho foi suficiente para justificar seu encarceramento no presídio Frei Caneca, onde permaneceu por um ano e meio. No cárcere, não chegou a ser torturada, mas viu as torturas serem aplicadas em suas companheiras de cela, como Olga Benário e Maria Werneck.

Ao mesmo tempo, Nise deixa entrever uma chama de aprendizado em sua experiência na prisão. Assim, quando Gullar (1996) pergunta à médica: “como é que você se sentia ali, presa, sem motivo, porque tinha lido alguns livros socialistas [...] uma coisa kafkiana”, obtém a seguinte resposta: “pois é, era uma coisa kafkiana. Mas eu me sentia bem com aquela gente. Aprendi grandes lições”, fazendo referência não só aos intelectuais, mas também aos presos comuns (Silveira, 1996, p. 42). Uma nova academia se acrescentava à sua vida, para além daquela universitária. Essa observação, mais do que trivial, já antecipa um aspecto fundamental do trabalho de Nise da Silveira: a relação intrínseca entre a vivência e o aprendizado, entre a experiência e o saber, entre a teoria e a prática.

Depois de um ano e quatro meses, com a ascensão de Macedo Soares para o Ministério da Justiça, Nise pôde ser libertada, uma vez que não havia processo ou condenação em seu nome. Esse acontecimento teria ensejado em Nise uma curiosa patologia, a qual ela denominou, em entrevista à historiadora e cientista política Dulce Pandolfi, de *Mania de Liberdade*:

a prisão foi uma experiência decisiva para a minha vida, uma vivência muito marcante da qual fiquei com mania de liberdade. Eu já não era muito adaptada [...] era revoltada com os padrões. Logo que saí da prisão, tomava um bonde ao acaso, descia e tomava outro. Um dia vi um bonde chamado Alegria e eu disse: é nesse que eu vou. Descobri que Alegria era um bairro horroroso. Mas, pensei: se eu quiser, eu desço do bonde. Eu tinha o sentimento de poder fazer o que quisesse. Saí da prisão com esse sentimento (Silveira, 2014 [1992]).

Após ser libertada, Nise passou sete anos na clandestinidade até retornar ao serviço público, já em 1944, com a proximidade do fim do Estado Novo. Nesse período, ela tinha quase 40 anos, e os internos do hospital em que trabalhava haviam sido transferidos para o Hospital Psiquiátrico do Engenho de Dentro. A reconstrução de seu mundo foi imperativa a partir de então.

Nesse novo contexto, porém, Nise enfrentou mais dificuldades. As principais técnicas de tratamento então vigentes eram a eletroconvulsoterapia (ou eletrochoque) e as psicocirurgias, como a lobotomia. As operações tinham como pano de fundo a concepção fisicalista de que o comportamento humano tem suas bases no cérebro. No entanto, Nise se deu conta de que o caráter puramente “técnico” dessas intervenções era questionável, na medida em

que eram aplicadas de forma extremamente violenta. O manicômio, finalmente, assemelhava-se à prisão em que ela mesma estivera confinada. Essa homologia, posteriormente tratada nas ciências sociais e na filosofia por muitos autores – como Erving Goffman (2001 [1971]) e Michel Foucault (1999 [1975]), para ficar com os principais exemplos – era percebida por ela na sua prática cotidiana.

Foi a partir do gesto de negação dessas práticas que Nise da Silveira veio a afirmar um método terapêutico próprio. Na Seção de Terapia Ocupacional e Reabilitação, um setor “abandonado” para o qual havia sido transferida, ela começou a desenvolver um trabalho com as mais diversas atividades ocupacionais, incluindo pintura e modelagem. Isso só foi possível graças ao contato com o artista plástico Almir Mavignier, na época um funcionário burocrático do hospital. Foi com Mavignier que Nise teve a ideia de oferecer lápis, pincéis e barro a alguns dos mais de dois mil internos da instituição. As atividades eram espontâneas e prezavam a convivência e o cuidado – ou o “afeto catalisador”, em seus próprios termos. Com este termo, Nise, criativamente, designava sua preocupação psicológica por meio da linguagem da química:

repetidas observações demonstraram que dificilmente qualquer tratamento será eficaz se o doente não tiver ao seu lado alguém que represente um ponto de apoio sobre o qual ele faça investimento afetivo [...] em qualquer oficina de terapêutica ocupacional, este ponto de referência é a monitora ou o monitor [...]. Costumo dizer que o monitor, num ateliê ou oficina, funciona como uma espécie de afeto catalisador. A química nos fala de substâncias cuja presença acelera a velocidade das reações: enzimas, platina coloidal, paladium. Admite-se até mesmo que reatores e catalisadores formem um complexo crítico ou um quase-composto (Silveira, 1981, p. 68-69).

Não se tratava de uma escola de arte. Mais do que artístico, o interesse nisiano era sobretudo terapêutico e científico. Porém, foi o campo artístico da época – notadamente o crítico de arte Mário Pedrosa – que, diferentemente da Psiquiatria, reconheceu a potência do trabalho, vendo nele a autenticidade e a singularidade valorizadas nas discussões que reformulavam o modernismo brasileiro daquele período (Reinheimer, 2008).

Nise começou a juntar os trabalhos dos internos, agrupá-los e estudá-los. Na verdade, ela costumava dizer que eles eram seus “clientes” – uma brincadeira com o ditado segundo o qual o cliente sempre tem razão, mas também uma maneira de atenuar a hierarquia médico/paciente. As obras seriam reunidas no Museu de Imagens do Inconsciente, fundado improvisadamente em 1952, no interior do próprio hospital carioca. A instituição serviria para transmitir o conhecimento produzido pelas relações travadas no ateliê. Mais tarde, o museu seria assim descrito por Mário Pedrosa: “a instituição é mais do que um museu, pois se prolonga de interior adentro até dar num ateliê onde artistas em potencial trabalham, fazem coisas, criam, vivem e convivem” (Pedrosa, 1980, p. 10).

## Jung, a Casa das Palmeiras e os grupos de estudos

As atividades de Nise também tiveram repercussões fora do ambiente hospitalar. Em 1956, Nise fundou a Casa das Palmeiras no espaço cedido por um colégio privado no bairro da Tijuca, o Instituto Lafayette, onde passaram a ser desenvolvidas as atividades ocupacionais com egressos de internações psiquiátricas. O Instituto, fundado pelo professor Lafayette Côrtes, era uma instituição privada que se destacava pela inovação no jardim de infância, no ecumenismo e no acolhimento a alunos negros. Alzira Lopes Côrtes, diretora do colégio, era fundadora da primeira escola da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (Apae). Aqui, percebe-se a importância das articulações entre o trabalho de Nise e o campo da educação.

Em entrevista realizada junto à revista *Rádice*, Nise explica que a ideia de criar esse ambiente surgiu com base na constatação da alta taxa de reinternações psiquiátricas no período em questão. Era necessário, portanto, expandir os métodos da terapêutica ocupacional para fora do hospital, com o intuito de evitar o regresso de pacientes. A extravagante ideia foi acolhida pela também psiquiatra Maria Stela Braga, que, durante alguns anos, havia trabalhado com Nise da Silveira no Engenho de Dentro. Graças à sua amizade pessoal com Alzira, foi cedido o espaço de um andar de um antigo prédio abandonado para a Apae. Juntaram-se a elas a assistente social Lígia Loureiro e a artista plástica Belah Paes Leme (Silveira, 2009 [1976-1977], p. 58). O funcionamento da Casa era gratuito e sem fins lucrativos, garantindo sua existência por meio de doações, campanhas beneficentes e cursos promovidos especialmente para angariar fundos para a instituição.

Tanto o Museu quanto a Casa das Palmeiras logo se articularam a um novo interesse nisiano: a psicologia de Carl Gustav Jung. Em depoimento conferido a Gullar (1996), Nise aponta a dificuldade de encontrar livros junguianos naquele período, quando somente traduções escassas em espanhol, francês ou inglês estavam disponíveis. O primeiro livro das obras completas a figurar no mercado editorial brasileiro foi o volume XII, *Psicologia e Alquimia* (Jung, 1991 [1946]). Nesse sentido, ela diz: “lia sobre psicologia e me apaixonei perdidamente pela psicologia junguiana. Eu acabara de comprar um livro de Jung, *Psychology and Alchemy*, quando me encontrei com [Nelson] Bandeira de Mello, que também se interessava por Jung, e lia muito bem em inglês. Propus a ele que criássemos um grupo de estudos de Jung, e ele topou. Formamos um grupo – eram apenas quatro pessoas – e então escrevi uma carta a Jung” (Silveira, 1996, p. 48). Era o Grupo de Estudos de Psicologia C. G. Jung, fundado em abril de 1955. Além de Nise e Bandeira de Mello, o grupo incluía a assistente social Lígia Loureiro e o médico Manoel Machado. Ao grupo inicial, logo se agregaram a psiquiatra Alice Marques dos Santos, os educadores José Alves e Noêmia Varela, e o dr. Ewald Soares Mourão.

No capítulo “O Grupo de Estudos” da fotobiografia sobre Nise da Silveira, escrita por Luiz Carlos Mello (2014), o autor faz menção a uma carta endereçada a Jung, datada de 1955, assinada pelos membros da associação. O documento parabeniza o psiquiatra suíço por seu octogésimo aniversário e também informa sobre a fundação de um pequeno e distante grupo



de discípulos desconhecidos na cidade do Rio de Janeiro, devotado à leitura de seus livros. Mello sustenta que, a partir de então, o grupo passou a se reunir semanalmente, angariando cada vez mais pessoas, embora ainda não tivesse um local fixo. A partir do segundo semestre de 1958, a Casa das Palmeiras passou a sediar as reuniões do grupo de estudos.

Já em 1954, Nise da Silveira havia escrito pela primeira vez a Jung, contando sobre sua experiência no ateliê de terapia ocupacional do centro psiquiátrico do Rio de Janeiro. Nessa ocasião, anexou, junto à correspondência, fotografias de uma série de pinturas de autoria de seus pacientes, particularmente aquelas que lhe pareciam mandalas. A resposta do Mestre veio um mês depois, por intermédio de sua colaboradora Aniela Jaffé. Na carta, Jung agradece pelo envio das imagens, indagando-se sobre o significado dos desenhos para os próprios doentes, assim como a propósito da influência desencadeada por esses em seus criadores. Observa uma regularidade notável, demonstradora da tendência do inconsciente para formar uma compensação ao caos do consciente. A partir de então, desencadeia-se uma série de correspondências. Em julho de 1956, Nise envia fotografias de esculturas de Adelina Gomes e de pinturas de Carlos Pertuis, relacionando-as ao simbolismo do sol. Concomitantemente às leituras e correspondências, Nise desenvolveu então um método de leitura de imagens, em que os conteúdos da história pessoal se coadunavam a temas universais, presentes em mitos e religiões.

Em 1957, Nise recebeu o convite para participar do semestre de verão do Instituto C. G. Jung, que funcionou como uma espécie de preparatório para a exposição de arte psicopatológica a ser realizada naquele mesmo ano, por ocasião do II Congresso Internacional de Psiquiatria. “Eu ficaria contente se, por meio da visita da doutora Nise da Silveira, o contato entre os psiquiatras do Brasil e da Suíça se aprofundasse. Certamente esse encontro será importante para o futuro tanto da psicologia quanto da psiquiatria”, dizia a carta convite, resgatada por Mello (2014, p. 153). A viagem foi patrocinada pelo CNPq, que forneceu uma bolsa de estudos com duração de um ano. Nessa oportunidade, a alagoana teve contato ainda como Marie Louise von Franz, com quem faria análise. Organizou a exposição *A Esquizofrenia em Imagens*, inaugurada pelo próprio Jung e montada com a participação de Almir Mavignier. Mais tarde, voltaria a Zurique em 1961 e 1964, para estudos pontuais.

O retorno ao Brasil intensificaria as atividades do grupo de estudos, que expandia o pilar de transmissão do conhecimento para além do hospício. No artigo “Breve histórico do Grupo de Estudos Carl Gustav Jung” (1996), o psiquiatra, analista junguiano e colaborador da Casa das Palmeiras, Agilberto Calaça, fornece informações sobre seu desenrolar. Em setembro de 1961, o grupo passou a se reunir todas as quartas-feiras à noite na Rua Marquês de Abrantes, 151, no bairro do Flamengo, primeiro no apartamento 403 e, logo em seguida, acima, no 503. Ambos os imóveis eram os ambientes domiciliares da própria Nise da Silveira. Diz o autor:

é um grupo aberto, podendo frequentá-lo todos aqueles que se interessam pelo conhecimento da psicologia profunda, e gratuito, sem maiores exigências a seus frequentadores, a tal ponto que gerou um dito espirituoso por parte da dra. Nise, provocando risos em todos: ‘podem entrar mudos e saírem calados, também não estão obrigados a dizerem o nome’ (Calaça, 1996, p. 9).

Segundo Calaça, a tradição dos encontros raramente foi quebrada: “como se trata de um grupo aberto, a frequência é muito variada, oscilando de 20 a 40 participantes, ocorrendo um rodízio de pessoas, mantendo-se, contudo, um núcleo constante” (Calaça, 1996, p. 9). Uma lista de temas-chave ainda é apresentada no breve artigo: “Antropologia, teologia, arqueologia, mitologia, contos de fada, folclore, sonhos, artes plásticas, teatro, literatura e principalmente psicologia junguiana”. Durante todo esse período, Nise da Silveira chegou a sintetizar suas observações clínicas, mas apenas em esparsos artigos e relatórios. Seu primeiro livro, de grande circulação, surgiu antes em referência ao pensamento de seu mestre. Tratou-se de *Jung: Vida e Obra*, publicado em 1968 pela José Álvaro Editora (Silveira, 1968). Ademais, a revista *Quaternio*, que também homenageava Jung, se constituiu então como revista do grupo de estudos, sendo publicada em pequenas tiragens subsequentes, em seis volumes, contando com a especial participação autoral de seus frequentadores.

Em julho do mesmo ano, a partir de uma série de palestras para estudantes de Medicina e Psicologia proferidas por Nise no Museu de Imagens do Inconsciente, instituiu-se o Grupo de Estudos do Museu, no Engenho de Dentro, reunindo-se às terças-feiras pela manhã. Em janeiro de 1969, foi publicado no Diário Oficial da União o registro do grupo, constituído como uma extensão do grupo de sua residência, cumprindo uma importante função educativa e de divulgação.

Todos esses acontecimentos apontam para a importância da figura de Jung – e, por derivação, da psicologia analítica – para a consolidação do trabalho de Nise em seu aspecto educativo. Foi sobretudo sob a égide de um interesse genuíno por esse saber que as redes intelectuais da médica alagoana começaram a se expandir para fora do hospício, estabelecendo atividades extra-institucionais e abertas ao público mais amplo, incrementando seu pilar de transmissão do conhecimento. Foi o caso do grupo de estudos,, seja quando realizado na Casa das Palmeiras, seja quando transferido para a residência do Flamengo e efetivado também no Museu. Este passou a funcionar como uma espécie de porta de entrada para o mundo Nise. Em contraste com os momentos anteriores, os atores que se aglutinaram a partir de então revelaram-se mais diretamente afinados às propostas da psiquiatria e às leituras genuínas que esta fazia a propósito dos saberes psi. Foi também graças a essa saga pela psicologia analítica que o trabalho de Nise da Silveira pôde estender sua formação a nível internacional, no Instituto C. G. Jung de Zurique.

Não obstante, deve-se sublinhar que Nise da Silveira não se filiou inteiramente à escola do psiquiatra suíço, retornando de Zurique sem diploma de analista. A psiquiatra era desinteressada em titulações e na própria prática terapêutica de consultório. Embora tenha sido pioneira no estudo da psicologia junguiana no Brasil, não se envolveu diretamente na institucionalização desse campo. A recepção desse saber em território nacional encontrou sua efetivação como formação principalmente a partir da década de 1960 na cidade de São Paulo, através de outros atores, mais ou menos independentes ao trabalho da psiquiatra no Rio de Janeiro.<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Entre estes, destacou-se, primeiramente, o médico psiquiatra húngaro Petho Sandor, que, de maneira autodidata, criou grupos de estudos em seu consultório particular, assim como na Pontifícia Universidade Católica, onde lecionava. Ele foi o pioneiro na introdução de Jung no meio universitário. Em seguida, já na década de 1970, tornou-se reconhecido o trabalho do analista belga Leon Bonaventure. Este, formado no Instituto C. G. Jung

Por conta de sua idade, ela foi aposentada compulsoriamente em 1975, mas permaneceu trabalhando “como estagiária” – em suas próprias palavras – junto a uma equipe de jovens discípulos, que até hoje levam adiante seu legado. Nessa época, também foi criada a Sociedade de Amigos do Museu de Imagens do Inconsciente (Samii), uma sociedade civil que dava apoio à continuidade das atividades do museu, incluindo em seu escopo cursos, convênios, projetos de pesquisa, restauração e acondicionamento de obras, informatização, documentários, exposições e publicações. Nise, embora tenha sido monitorada pela ditadura militar, não chegou a ser presa novamente. Nas memórias de seus colaboradores, é comum a representação de seu trabalho como um espaço de resistência cultural durante os anos 1970 (Magaldi, 2020).

Os anos 1980, em particular, foram caracterizados por um interesse renovado do campo artístico no trabalho de Nise da Silveira. Chamou a atenção o trabalho do cineasta Leon Hirszman. A trilogia *Imagens do Inconsciente* [1983-1986] contou com três episódios, cada qual dedicado a um personagem específico, sendo eles: “Em Busca do Espaço Cotidiano” (sobre Fernando Diniz), “No Reino das Mães” (sobre Adelina Gomes) e “A Barca do Sol” (sobre Carlos Pertuis). As películas foram realizadas a partir da imersão direta de Hirszman no hospital e apresentavam os trabalhos dos clientes, justapostos à narração dos estudos de Nise da Silveira. Nise também travou relação com o dramaturgo Rubens Corrêa, com quem realizou a peça *As Bacantes*, de Eurípedes, dentro do hospital, entre outras, inspiradas na obra do dramaturgo francês Antonin Artaud.

O período que sucede à aposentadoria de Nise também foi marcado pela escrita tardia das mais importantes obras literárias nisianas. A primeira delas é *Imagens do Inconsciente* (Silveira, 1981), que conta com os resultados das décadas de observações no ateliê de pintura e modelagem. A segunda, *O Mundo das Imagens* (Silveira, 1992), que dá continuidade a essas investigações, foi publicada uma década depois. Somente depois de muita prática, e de vencer sua própria autocrítica, é que Nise pôde registrar em livro seus aprendizados cotidianos, já nas últimas décadas de sua vida (Mello, 2014).

O reconhecimento de Nise se consolidaria a partir de sucessivas premiações, títulos e homenagens.<sup>2</sup> Depois de sua jubilação, Nise já era definitivamente uma figura pública na cultura brasileira e contava com uma extensa gama de amigos e aliados, para além de seus colaboradores mais estritos. Nesse hall incluem-se personagens mais ou menos célebres,

---

de Zurique, foi o mestre da primeira geração de analistas brasileiros filiados à International Association for Analytical Psychology (IAAP). Por meio de seu trabalho, fundou-se a Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica (SBPA), em 1978. Esses desenvolvimentos, embora reconheçam a importância precursora de Nise da Silveira, prescindiram de sua participação direta. Por outro lado, deve-se ressaltar o envolvimento de alguns profissionais que, previamente à institucionalização, chegaram a fazer parte do grupo de estudos de Nise da Silveira, eles foram: Carlos Byington, Walter Boechat e o próprio Leon Bonaventure (Ulson, 2005).

<sup>2</sup> Entre essas premiações, destacam-se a Medalha do estado da Guanabara (1975), a Medalha de Mérito Oswaldo Cruz (1981), o título de Honoris Causa pela Universidade do estado do Rio de Janeiro e pela Escola de Ciências Médicas de Alagoas (1988), o Prêmio Mulher 90 (1990) e a Medalha Chico Mendes (1993). Para uma lista completa, consulte Mello (2014, p. 339).

como o poeta Carlos Drummond de Andrade, o escritor Marco Lucchesi, a modelo Elke Maravilha, o cantor Ney Matogrosso, o psicanalista e escritor Hélio Pellegrino e a antropóloga Luitgarde Cavalcanti Barros, entre muitos outros, cada um destes com uma trajetória singular em relação à psiquiatria. Se esta contava pouco com a ajuda de profissionais da área médica, o campo da cultura foi, durante todo esse tempo, o principal jardim onde colhia suas parcerias.

Nise faleceu em 1999, vítima de insuficiência respiratória decorrente de pneumonia. Passou os últimos anos de sua vida em uma cadeira de rodas devido a um acidente doméstico. Não deixou descendentes, mas seu legado continua a inspirar novas produções culturais e políticas públicas.

## Uma educadora rebelde

Pode-se afirmar que Nise da Silveira, nas reuniões abertas que promovia em sua casa e nos estabelecimentos onde mantinha atividade, misturava inquietantemente a imagem luminosa do guru às brumas do iniciador, como sugerido pelo antropólogo Frederik Barth (2000). Palestrante carismática, simples e ao mesmo tempo erudita, ela conquistava uma plateia heterogênea. Embora provavelmente caracterizada pela predominância de uma classe média intelectualizada, esta não fazia muita distinção entre estudantes universitários, hippies, psicanalistas formados, astrólogos, artistas, donas de casa, desempregados e pacientes egressos de internações psiquiátricas.

Nesse agrupamento, distribuíam-se tanto mulheres quanto homens de variadas gerações. Segundo Ramos, circulavam “pessoas de profissões, credos, idades, raças e culturas diferentes [...] pessoas extremamente diversas compunham as equipes de estudo” (Ramos, 2001, p. 30). Outro membro do grupo, André Decoster, indaga-se: “alguém já ouviu falar de um grupo de estudos onde de repente entra um psicótico, um drogado ou até um senador, e opinam sobre o que quiserem?” (Decoster, 2001, p. 63). Entre esses, formou discípulos – sobretudo entre os mais jovens –, mas não os buscava ativamente. Não havia critérios seletivos dados a priori. Tratava-se de um público rotativo, fluido e pouco numeroso, que chegava de maneira independente ou, o que era mais comum, por contatos pessoais. A escritora Elvia Bezerra descreve esses fatos: “não exigindo nada de quem frequentava a reunião, só permanecia ali quem tivesse, ou descobrisse, verdadeiro interesse no assunto. Compreendi depois que não pode haver critério mais seletivo!” (Bezerra, 2001, p. 95).

O estilo de fala de Nise da Silveira era predominantemente racional e explicativo, mas nem sempre dotado de uma ordem lógica. Guardava, também, uma dimensão de mistério, encarnada em sua pequena figura rodeada por livros e gatos. Bernardo Horta, mais uma vez, descreve com grande riqueza a convivência desses atributos, dessa “meio fada, meio bruxa”, como sugerido em comunicação pessoal – imagem que a condensa melhor do que o guru ou o iniciador barthianos – que se intensificou com o passar dos anos: “era chamada de doutora por todos [...]. Entretanto, não apresentava um estilo tão acadêmico ou



doutoral. Aqueles que conviviam com ela estavam em constante aprendizado, entrecortado por intervalos irregulares, sem sequência didática. Era preciso estar atento. Seu tempo era outro – especialmente quando idosa. Podia levar 15, 30 segundos para começar a responder uma pergunta, ou numa pausa de conclusão. Tinha um raciocínio profundo e sofisticado. Possuía exata consciência do sentido de suas palavras” (Horta, 2008, p. 51).

Apesar do seu reconhecimento, Nise era categórica ao afirmar que seu trabalho era marcado por um “leitmotiv melancólico”. Para muitos de seus colegas psiquiatras, as atividades ocupacionais eram apenas um mero passatempo. Não foram poucas as tentativas de sabotagem, que se intensificavam no contexto misógino e conservador da Medicina. A falta de verbas era uma constante, e as obras não eram vendidas, já que, segundo Nise, deveriam permanecer no Museu para fins científicos. Os animais que circundavam o ambiente ocupacional, e que começaram a ser incorporados na própria prática terapêutica como potenciais catalisadores, chegaram a ser envenenados. As atividades de expressão, tal como preconizadas pela médica, nunca chegaram a tornar-se uma política pública em nível nacional. Ela tampouco era afeita a patrocínios: dizia que preferia ser uma “loba faminta a uma cadela encoleirada” (Horta, 2001, p. 70). Como visto, Nise não criou escolas de formação: o Grupo de Estudos C. G. Jung não exigia nem fornecia diplomas. Em grande medida, seu trabalho permaneceu na malha de suas relações mais próximas e mais concretas. Era daí que extraía sua potência libertária, mas também suas limitações.

No final da década de 1970, durante a redemocratização, o movimento pela reforma psiquiátrica surgiu para implodir as instituições manicomiais, com forte inspiração na psiquiatria democrática de Franco Basaglia, entre outros autores europeus ou norte-americanos (Amarante, 1995). Entretanto, demoraria para que as particularidades do trabalho de Nise fossem incorporadas como uma referência nesse campo. Práticas artísticas surgiram nos posteriores serviços substitutivos de atenção psicossocial, sendo, porém, voltadas mais para a geração de renda e a autonomia dos usuários do que para a prática clínica ou o estudo científico, como preconizado por Nise. Todas essas transformações, ainda, vieram acompanhadas da difusão da psicofarmacologia como principal dispositivo de tratamento psiquiátrico. A psiquiatra, embora não fosse totalmente contra o uso de medicamentos, sabia que eles poderiam funcionar como “camisas de força químicas” (Silveira, 1992). A violência mudara de forma, mas permanecera presente.

Hoje em dia, assim como em meados do século XX, o meio cultural ainda é o principal catalisador dos ensinamentos de Nise. Filmes, como *Nise: o coração da loucura*, dirigido por Roberto Berliner e protagonizado por Glória Pires; peças de teatro, como *Nise – senhora das imagens*, de Daniel Lobo; livros e biografias, como a fotobiografia *Nise: caminhos de uma psiquiatra rebelde*, de Luiz Carlos Mello, proliferaram nas décadas que sucederam ao falecimento da médica, em 1999. Em 2001, o hospital em que trabalhou passou a se chamar Instituto Municipal de Assistência à Saúde Nise da Silveira. No seu interior, diversos projetos culturais afins aos princípios da reforma psiquiátrica passaram a ser desenvolvidos, como o bloco carnavalesco Loucura Suburbana e a ocupação artística Hotel da Loucura,

coordenada pelo médico e ator Vitor Pordeus. Apenas muito recentemente, no final de 2021, as hospitalizações de pacientes foram encerradas. O espaço dará lugar a um parque urbano em homenagem à médica e a um memorial da loucura.

A notícia do veto do nome de Nise da Silveira no Livro de Heróis e Heroínas da Pátria pelo então presidente Jair Bolsonaro vem na contramão desse movimento de construção da memória. Afinal, ela se afina com todas as adversidades que Nise passou durante sua vida ao enfrentar o machismo, a violência política e o reducionismo biomédico. Não à toa, o veto vem de um homem profundamente machista, que faz apologia da tortura e que nega o conhecimento científico. Na verdade, é difícil pensar em figuras mais antagônicas do que Bolsonaro e Nise. De um lado, um ex-presidente que promove a morte, a negligência e até a elogia – basta observar seu desgoverno durante a pandemia ou suas declarações laudatórias sobre a ditadura militar. Do outro lado, temos alguém que percebeu a vida nos hospitais psiquiátricos – esses “cemitérios dos vivos”, nos termos de Lima Barreto – e que, portanto, a valorizou acima de todas as coisas. Essas diferentes formas de compreender o sofrimento humano partem de corpos também distintos. De um lado, um homem representante dos interesses da elite branca e, do outro, uma mulher não somente vermelha, mas também imigrante e nordestina.

Embora injusto, o veto de Bolsonaro não deixa de ser a prova cabal da potência do trabalho de Nise, que propõe o afeto em oposição ao tormento e o cuidado em oposição ao abandono. Por fim, fica a dúvida se Nise gostaria de ser cravada em uma memória nacional, pois ela era, sim, uma heroína, mas uma heroína do ordinário e do cotidiano, que encontrava as pequenas luzes que atravessavam as frestas nos muros do hospital – e também para além deles, em suas práticas educativas.

## Referências

- AGÊNCIA SENADO. “Bolsonaro veta título de ‘heroína da Pátria’ para Nise da Silveira”. Agência Senado. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2022/05/25/bolsonaro-veta-titulo-de-heroína-da-pátria-para-nise-da-silveira>. Acesso em: 9 ago. 2022.
- AMARANTE, Paulo Duarte. *Loucos pela vida: a trajetória da reforma psiquiátrica no Brasil*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1995.
- BARTH, Fredrik. *O guru, o iniciador e outras variações antropológicas*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2000.
- BEZERRA, Élvia. A Minha Doutora. In: GRUPO DE ESTUDOS C. G. JUNG. Quatérnio – *Revista do Grupo de Estudos C. G. Jung*, Rio de Janeiro, n. 8, p. 95-96, 2001.
- BEZERRA, Élvia. *A Trinca do Curvelo*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1995.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta; PORTELLI, Alessandro et al. *Usos e abusos da história oral*. 8. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas Editora, 1996.

CALAÇA, Agilberto. Breve Histórico do Grupo de Estudos C. G. Jung. In: GRUPO DE ESTUDOS C. G. JUNG. Quatérnio – *Revista do Grupo de Estudos C. G. Jung*, Rio de Janeiro, n. vii, 1996.

DECOSTER, André. O mijo sagrado. In: GRUPO DE ESTUDOS C. G. JUNG. Quatérnio – *Revista do Grupo de Estudos C. G. Jung*, Rio de Janeiro, n. 8, p. 63-64, 2001.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *Diálogos*. Lisboa: Relógio D'Água, 1996.

FOLHA DE S. PAULO. *Nise da Silveira – Enigmas da Vida*: entrevista concedida a Dulce Pandolfi. Disponível em: <http://piaui.folha.uol.com.br/nise-da-silveira-enigmas-da-vida/>. Acesso em: 16 jan. 2018.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1999.

FREUD, Sigmund. *Psicopatologia da vida cotidiana*. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

GOFFMAN, Erving. *Manicômios, Prisões e Conventos*. Tradução: Dante Moreira Leite. 7. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001.

GONÇALVES, Marco Antonio. Etnobiografia: biografia e etnografia ou como se encontram pessoas e personagens. In: GONÇALVES, Marco Antonio; MARQUES, Roberto; CARDOSO, Vânia. *Etnobiografia: subjetivação e etnografia*. Rio de Janeiro: Editora 7Letras, 2012.

GULLAR, Nise da Silveira. Uma psiquiatra rebelde: entrevista concedida a Ferreira Gullar. In: GULLAR, Ferreira. *Nise da Silveira: uma psiquiatra rebelde*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996.

HORTA, Bernardo. *Nise: arqueóloga dos mares*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2008.

JUNG, Carl. *Psicologia e alquimia*. Petrópolis: Vozes, 1991.

KOFES, Suely; MANICA, Daniela (org.). *Vida e grafias: narrativas antropológicas entre biografia e etnografia*. 1. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

MAGALDI, Felipe. *A Unidade das Coisas: Nise da Silveira e a genealogia de uma psiquiatria rebelde no Rio de Janeiro*. 2018. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

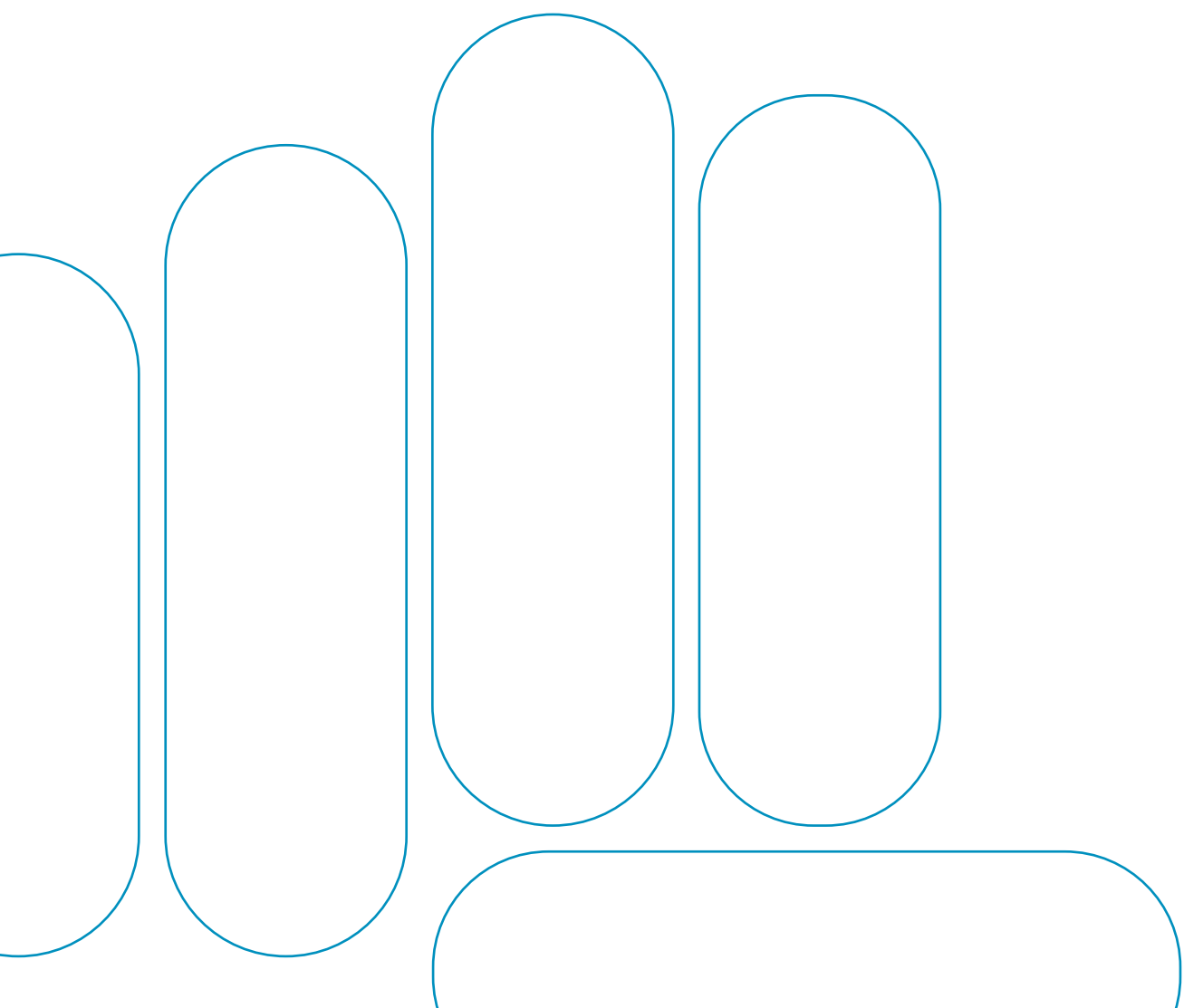
MAGALDI, Felipe. *Mania de liberdade: Nise da Silveira e a humanização da saúde mental no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2020.

MELLO, Luiz Carlos. *Nise da Silveira: caminhos de uma psiquiatra rebelde*. Rio de Janeiro: Automática Edições, 2014.

MELO, Walter. Nise da Silveira e o campo da Saúde Mental [1944-1952]: contribuições, embates e transformações. *Rev. Mnemosine*, v. 5, p. 30-52, 2009.

- PANDOLFI, Dulce Chaves. *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas Editora, 1999.
- PEDROSA, Mario. Introdução. In: FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTE. *Instituto Nacional de Artes Plásticas* (org.). Museu de Imagens do Inconsciente. Museus Brasileiros, Rio de Janeiro, v. 2, 1980.
- RAMOS, Luciana. O Grupo de Estudos Carl Gustav Jung. In: GRUPO DE ESTUDOS C. G. JUNG. Quatérnio – *Revista do Grupo de Estudos C. G. Jung*, Rio de Janeiro, n. 8, p. 29-33, 2001.
- REINHEIMER, Patrícia. *A singularidade como regime de grandeza: nação e indivíduo como valores no discurso artístico brasileiro*. 2008. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.
- RINALDI, Alessandra. *A Sexualização do Crime no Brasil: um estudo sobre criminalidade feminina no contexto de relações amorosas*. Rio de Janeiro: Mauad X Editora, 2015.
- SILVEIRA, Nise da. *Cartas a Spinoza*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.
- SILVEIRA, Nise da. [1992]. Conversando com Nise da Silveira: entrevista concedida a Luiz Gonzaga Pereira Leal. *Rev. Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 14, n. 1-3, 1994.
- SILVEIRA, Nise da. *Ensaio sobre a criminalidade da mulher no Brasil*. 1926. Tese (Trabalho de Conclusão de Curso) – Faculdade de Medicina da Bahia, Bahia, 1926.
- SILVEIRA, Nise da. [1975]. Entrevista concedida a Álvaro Mendes. *O Globo*, Rio de Janeiro, 12 jan. 1975.
- SILVEIRA, Nise da. *Imagens do Inconsciente*. Rio de Janeiro: Alhambra, 1981.
- SILVEIRA, Nise da. *Jung: Vida e obra*. Rio de Janeiro: José Álvaro Editora, 1968.
- SILVEIRA, Nise da. [1976-1977]. Nise da Silveira, Antonin Artaud e Carl Gustav Jung: entrevista concedida a Rádice. In: MELLO, Luiz Carlos (org.). *Encontros: Nise da Silveira*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2009.
- SILVEIRA, Nise da. *O Mundo das Imagens*. São Paulo: Editora Ática, 1992.
- SILVEIRA, Nise da. Os documentos vivos do inconsciente, a expressão plástica como forma de linguagem dos psicóticos. *Revista Brasileira de Saúde Mental*, ano 2, v. 2, n. 2/3, 1988.
- ULSON, Glauco. Uma Breve História da Associação Junguiana do Brasil: lembranças. *Cadernos Junguianos*, n. 1, p. 133-138, 2005.
- VILLAS-BOAS, Glaucia. A estética da conversão: o ateliê do Engenho de Dentro e a arte concreta carioca [1946-1951]. *Rev. Tempo Social*, v. 20, n. 2, 2008.
- WANDERLEY, Lula. A barulhenta Nise da Silveira e sua revolução silenciosa. In: GRUPO DE ESTUDOS C. G. JUNG. Quatérnio – *Revista do Grupo de Estudos C. G. Jung*, Rio de Janeiro, n. 8, p. 131-132, 2001.





A Editora UnB é filiada à



Este livro foi composto em UnB Pro e Liberation Serif.



# EDUCADORAS E EDUCADORES BRASILEIROS

## Do centenário de Paulo Freire e Darcy Ribeiro aos 60 anos da UnB

Este livro nasceu do compromisso deixado pelos dois maiores idealizadores da Universidade de Brasília, que são referências para todos nós: Darcy Ribeiro e Anísio Teixeira. Eles tinham o objetivo de fazer da UnB uma grande referência no papel de pensar o Brasil, pautar os temas nacionais e ajudar a buscar soluções para transformar a realidade do povo brasileiro. Trata-se de um livro que resulta do curso de extensão intitulado Educadoras e educadores brasileiros: do centenário de Paulo Freire aos 60 anos da UnB, ofertado em 2021, quando o Brasil e o mundo estavam imersos na maior crise sanitária do nosso tempo: a pandemia de covid-19. Estávamos em busca de caminhos, enfrentando o negacionismo daqueles que deveriam estar à frente dos problemas, o qual trouxe graves consequências, vitimando mais de 700 mil vidas e deixando sequelas graves para a sociedade como um todo. O referido curso de extensão tratou da vida, da obra e das contribuições de educadoras e educadores do Brasil, que foram e são tão importantes para nos ajudar a pensar em caminhos, propostas, ações e políticas para os diferentes problemas do país, em sua imensa riqueza cultural, de modo a combater e reverter suas desigualdades. É um livro que, assim como a UnB, está comprometido com um novo amanhecer, em um país mais inclusivo, participativo, multicultural, democrático e sustentável.

EDITORA



UnB

